



suas charges. Numa época em que informações sobre política e conflitos internacionais eram transmitidas de forma fragmentária, insuficiente e com um certo atraso, José Carlos fez transparecer em suas criações uma percepção aguda e certa do panorama político internacional.

"Graças à sua sensibilidade, crucial tanto para captar no ar o espírito do tempo quanto para colocá-lo de forma mais simples, forte, e, em que pese a feiúra dos acontecimentos (as guerras mundiais), bela.", percebe Arthur Dapieve em *J. Carlos contra a guerra*, livro publicado como um "manifesto pacifista" em comemoração ao Ano Internacional pela Cultura da Paz, o ano 2000.

Desde a primeira charge publicada em *O Tagarela*, em 23 de agosto de 1902, à última impressão na revista *Careta*, estima-se que J. Carlos tenha produzido 100 mil obras, quantidade que, brincou o próprio artista, "daria para cobrir a Avenida Rio Branco". Em 49 anos de trabalho, essa voracidade representaria uma média de três ilustrações diárias, variadas em charges políticas, capas lindamente trabalhadas, cartuns divertidos, ilustrações para publi-

cações infantis, peças publicitárias e caricaturas de personagens urbanos. "Trabalhador compulsivo, com uma obra tão vasta que dá vontade de classificá-la, borgeanamente, de infinita, J. Carlos fez essa aposta, não somente com seu talento (...) mas também com muito, muito esforço e determinação – e estes só dependem de vontade individual", resume Luciano Trigo em *Lábaro Estrelado*.

deira nacional ao fundo. A legenda, sempre escrita pelo próprio cartunista, dizia "Bendito seja o fruto do vosso ventre". Inspirados na corrupção entre os governantes da época, os leitores cunharam a expressão "mamar nas tetas do Estado" como uma cortante crítica social.

Outro exemplo: em uma viagem de bonde, o caricaturista descobriu, na conversa entre duas "dondocas" da Zona Sul, que a criação dos "modelitos" das moças havia sido inspirada nos figurinos de seus desenhos na revista *Careta*. A beleza e simpatia de suas caricaturas dava às figuras um aspecto agradável, simpático, divertido, semelhante aos personagens de desenhos animados infantis.

Talvez esta faceta de sua obra tenha magnetizado o olhar de artistas internacionais como Walt Disney. Em uma exposição sobre cartunistas organizada pelo governo brasileiro, a obra de J. Carlos paralisou o mestre dos desenhos animados, que o convidou para trabalhar em seus estúdios em Hollywood.

Cássio Loredano conta que o cartunista Nássara, que estava presente na exposição, ficou im-

"Pense em qualquer coisa. Se aconteceu na primeira metade do século, e se aconteceu no Rio, J. Carlos a desenhou."

Ruy Castro

Na sua leitura do cotidiano, J. Carlos influenciava o público de maneiras surpreendentes. Em uma das capas de *O Malho*, por exemplo, a mãe (que seria o Brasil) alimenta seu bebê (representando o povo), com a ban-



Dona Melindrosa

*Um pouquinho de renda e de perfume
E de grave nenhum olhar sequer:
Um quase nada, enfim, se resume,
Em Dona Melindrosa que é mulher...*

*De teu vulto de flor e de andorinha,
Afinal, nestes versos, o que ficou?
De tua alma – talvez nenhuma linha
De teu corpo – o que J. desenhou...*

Aldilio Tostes Malta

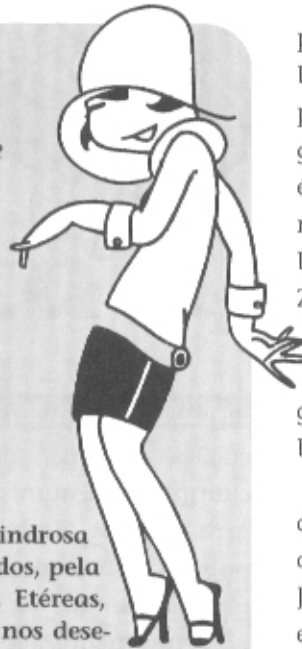
Uma mariposa, uma vespa, uma libélula. A Melindrosa de J. Carlos traz lembranças de insetos, seres alados, pela feminilidade do traço com o qual são criadas. Etéreas, quase voláteis, exalam um perfume inexistente nos desenhos impressos: um aroma psicológico, irreal.

Foi nos traços da Melindrosa que J. Carlos "descreveu" a carioquina dos anos 20: a beleza da menina inocente e brejeira despertou paixão nos leitores pela sua obra. Essa menina que nasceu nas capas da refinada Para Todos... embelezava as publicações ilustradas com trejeitos infantis e um quê de malícia nos olhares, nas poses, nas roupas. Ela se tornou tão popular que serviu de cartaz para toda a obra do cartunista.

"Escancaradamente feminina, sexy e divertida, sem os atavios complicados daquelas bisavós, enxergava seu chapeuzinho cloche e ei-la pimpante não perdendo as vesperais dos cinemas Palais, Avenida ou Pathé, habitual nos chás da Avelar (...) e alvas areias de Copacabana, na exibição de sua plástica escultural, no maiô inteiro já prenunciador do deux-pièces que a netinha viria a usar," escreveu Alvarus, o também caricaturista Álvaro Cotrim, em um livro em homenagem à obra de J. Carlos.

Contrapondo à idealização romântica da jovem melindrosa uma criação paradoxal a acompanhava: o Almofoadinho, personagem andrógino, masculino em um corpo curvilíneo, com trejeitos afetados, mãos manicuradas. Usa ombreiras mas tem a cintura marcada, calças justas e dobradas na bainha. Reflexo invertido da Melindrosa, contrapunha sua feminilidade pueril da forma menos óbvia: não através da masculinidade, mas assexuadamente. Homem-amiga da cativante Melindrosa, não desperta desejos nem fortes emoções.

"Em meus desenhos," disse em uma entrevista J. Carlos, "trato com a maior simpatia as melindrosas e as crianças, mas sou implacável com os almofoadinhos." A maior punição que pôde dar a um personagem habitante do mundo detalhadamente colorido, vivo em beleza, foi torná-lo apático, indigno de atenção, foi deixá-lo companheiro de uma personagem de beleza tão singular que ofusca. J. Carlos deixou seu Almofoadinho no limbo de suas criações, nas sombras da desatenção, como um mero coadjuvante.



pressionado com o fascínio de Disney pelo papagaio desenhado por J. Carlos. "Tudo foi até registrado em foto. Como, naquela época, J. Carlos não se ligava muito em dinheiro, deixou que Disney levasse consigo o layout do Zé Carioca. Para expressar isso, J. Carlos, fez uma capa da revista Careta com o papagaio carregando malas indo embora para a Disneyland."

"Pense em qualquer coisa. Se aconteceu na primeira metade do século, e se aconteceu no Rio, J. Carlos a desenhou", resume, em um artigo, o jornalista Ruy Castro. A obra do artista gráfico é de uma vastidão que rendeu ao pesquisador, admirador e também cartunista Cassio Loredano três livros, cobrindo temas e épocas distintas da produção do cartunista carioca. O carnaval, a guerra e o patriotismo, são alguns exemplos dos inúmeros conjuntos em que seus desenhos podem ser estudados.

De toda a obra de J. Carlos, apenas um terço foi devidamente catalogado, por Loredano. O estudo e a catalogação deste acervo, representativo da época em que o humor gráfico brasileiro se nacionalizou e criou personalidade, é uma iniciativa privada e nasceu da paixão do pesquisador. A recuperação desse material é uma imensa contribuição para o estudo histórico e deveria ser fruto não apenas do interesse individual, mas de uma estrutura estatal interessada no resgate da cultura nacional.

